

No. 512050

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 86

O representante britânico em Versailles

PUBLICADA PELO

Col. 6

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917



O representante britânico em Versailles

A carreira de Sir Henry Rawlinson

O general, Sir Henry S. Rawlinson, representante britânico no Supremo Conselho de Guerra em Versailles, é um dos comandantes de maior renome nesta guerra. É dotado de todas as qualidades precisas para assumir as grandes responsabilidades do seu novo posto. Apesar de contar só 53 anos, não ha general nenhum que na sua carreira apresente maior numero de feitos notaveis. Entrou para o exercito aos 20 anos e serviu nas expedições da Birmania e do Nilo; tomou parte na batalha de Khartoum e foi membro do estado maior de Lord Kitchener. Ao romper a guerra actual não seguiu para França com a primeira força expedicionaria, porém, teve o comando no Aisne da 4.^a divisão na qual vinha incluída a 7.^a que tinha desembarcado em Flandres em principios de outubro de 1914. Foi esta a divisão que, opondo-se a forças superiores na razão de 8 para 1 vedou o caminho para os portos do canal. Descreveu-a nestes termos o heroico general Capper que morreu no campo de batalha: «Era uma linha delgada, extenuada, e as

granadas varriam as trincheiras duma extremidade á outra.» Declarou um official alemão prisioneiro que os alemães calculavam ter deante de si quatro corpos britannicos. Daquella valente divisão sobreviveram só 44 dos 400 officiaes e dos soldados ficaram só 2.336 de 12.000 que eram. «Rawly», como lhe chamam os seus amigos, commandou em Neuve Chapelle e Loos. Porém, os seus feitos mais notaveis foram nas batalhas do Somme em 1916, quando nos dois primeiros dias teve debaixo do seu commando cinco corpos de exercito.

Sir Douglas Haig, commandante em chefe, no Despacho em que descreve estas batalhas diz que os commandantes Sir Henry Rawlinson e Sir Hubert Gough tiveram durante cinco mezes «a direcção das operações de forças muito importantes numa das maiores, se não é absolutamente a maior, das lutas que jámais houve. E' impossivel exaggerar o alto apreço em que tenho as grandes qualidades patenteadas durante a batalha por esses dois commandantes. O seu profundo conhecimento da arte de guerra, o seu tacto e resolução foram postos á prova e nunca falharam. Justificaram plenamente a sua nomeação para postos de tanta responsabilidade».

Sir Douglas Haig salienta depois o facto que os preparativos para a batalha, com excepção dos de Gommecourt, foram levados a efeito sob as ordens de Sir Henry Rawlinson. «Foi só depois do assalto do dia 1.º de julho que ficou encarregado das operações do front de ataque Sir Hubert Gough com o fim de permitir a Sir Henry

Rawlinson dedicar-se unicamente á área em que eu tinha resolvido concentrar o principal esforço.»

Foi no Somme que a gente de Rawlinson aniquilou as defezas extraordinariamente fortes de Contalmaison, High Wood, Delville Wood e Guillemont.

Quando começou a retirada alemã na primavera de 1917, Rawlinson comandou o avanço britânico na parte sul. O seu exercito entrou em Peronne e, combatendo sempre, chegou ás portas de St. Quentin. Após o seu exito do Somme, Rawlinson foi promovido a general. Difere da maior parte dos comandantes británicos no facto de não ser da cavalaria. Quando muito novo esteve durante algum tempo nos Guards.

Possue qualidades pessoais que o tornarão de certo muito popular em Versailles. E' um militar tipico inglez ; é alto, direito, robusto, de cabelos grisalhos, bigode escuro e olhos prazenteiros. Diz-se dele que é o general mais sociavel do front. Não ha duvida que o seu estado maior era muito feliz não obstante levar uma vida bem ardua. Tem a arte de grangear amigos. Uma das razões do exito que obteve como comandante dum exercito em campanha era a sua capacidade para tomar uma resolução imediata e a inteira confiança que depositava nos comandantes de divisões que lhes permitia dar largas ás suas iniciativas individuais. A sua divisa é «apressai-vos cautelosamente», excelente divisa para um general da actualidade.

Conta-se uma historia dos seus primeiros

tempos de exercito que explica a sua grande popularidade. Foi durante uma marcha de longa extensão de Fuezepore a Peshawar, 327 milhas, quando Rawlinson era joven alferes e idolatrado pela sua gente. «Mais duma vez recebeu Rawlinson os agradecimentos dum soldado extenuado de cansaço, com os pés cheios de bolhas, a quem ele tinha carregado com a pesada carabina.»

São muito apropriadas hoje estas palavras dirigidas por Rawlinson a um jornalista francez nos primeiros dias de 1917:

«Se Hindenburg e os seus subordinados tem gosto em deixar massacrar sem necessidade a sua gente aos milhares, que o façam. Não temos nada que dizer contra isso. Estamos prontos para os receber onde e quando lhes aprouver.»